

A FESTA DE *SHAVUOT*

THE FEAST OF SHAVUOT

Gilvan Leite de Araujo¹

RESUMO

A Festa de *Shavuot* ou Pentecostes é a segunda das três grandes festas de Israel. Da festa das primícias *Shavuot* passou, ao longo da história, a celebrar a memória da Aliança do Sinai, com o “dom” da Torá, sem nunca perder o seu caráter agrícola, chegando ao universo cristão celebrando o “dom” do Espírito Santo e os “dons” do Espírito Santo. O processo de desenvolvimento de *Shavuot* deixa transparecer que o caráter agrícola se sobressai ao contexto histórico, sendo este assumido a partir da influência cristã, ao transpor a solenidade judaica para o universo cristão vinculando e concluindo o período pascal. Diante disto surge a questão se a historização de *Shavuot*/Pentecostes seja eminentemente de tradição judaica ou influência do cristianismo. Este artigo deseja apresentar este processo histórico da Festa Judaica de *Shavuot* à Festa Cristã de Pentecostes evidenciando as particularidades e a mútua influência litúrgica e teológica.

PALAVRAS-CHAVE: *Shavuot*; Pentecostes; Festa de Israel.

ABSTRACT

The Feast of *Shavuot* or Pentecost is the second of the three great feasts of Israel. The feast of firstfruits *Shavuot* became, in the course of history, to celebrate the Covenant of Sinai, the “gift” of the Torah, without ever losing its agricultural character, reaching the Christian universe celebrating the “gift” of the Holy Spirit and the “gifts” of the Holy Spirit. The process of development of *Shavuot* reveals that the agricultural character excels at historical context, this being taken from the Christian influence, to transpose the Jewish Feast for the Christian universe liking and concluding the Easter period. Before this the question arises if the history of *Shavuot*-Pentecost is eminently of Jewish tradition or influence of Christianity. This article wants to submit this historical process of the Jewish Feast of *Shavuot* to the Christian Feast of Pentecost evidencing the peculiarities and mutual influence liturgical and theological.

KEYWORDS: *Shavuot*; Pentecost; Feast of Israel.

¹ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontificia Università S. Tommaso D’Aquino, Italia. Professor da Pontificia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

INTRODUÇÃO

Comumente se tem em mente que, para a tradição judaica, a Festa de *Shavuot* ou Pentecostes é a celebração e memorial de um evento extraordinários acontecido no Sinai ao terceiro mês da saída do Egito (cf. Ex 19,1-9). Segundo esta concepção, por um lado, encontra-se Deus que se revela a Israel convidando-o a se tornar seu povo particular, de especial proteção, acolhendo a sua palavra com liberdade, os seus mandamentos; e, por outro, Israel que responde acolhendo a proposta: “*Tudo o que o Senhor falou, nós o faremos e obedeceremos*” (Ex 19,8 e 24,7). Evento extraordinário, no qual Deus se revela com amor pessoal elegendo Israel e lhes concedendo proteção e liberdade e Israel que se torna *partner* e Povo da Aliança. *Shavuot* para os Rabinos relembra e atualiza este evento onde Deus e Israel se unem num pacto de amor e fidelidade, como aquele entre um esposo e uma esposa, manifestando um *shalon* eterno, a plenitude dos bens messiânicos e a felicidade do mundo. Contudo, *Shavuot* possui, em origem, um caráter agrícola. Os primeiros frutos da terra é sinal da benção do Eterno, como relembra o profeta Jeremias: “*Temamos o Senhor nosso Deus, que nos dá a chuva do outono e da primavera a seu tempo e que os reserva semanas fixas para a colheita*” (Jr 5,24). Deus, que tudo criou, deu a terra a Israel e provê os bens necessários para o seu povo eleito.

Flávio Josefo e Filão de Alexandria são testemunhas de uma festa de *Shavuot* “celebrada segundo prescrições dos livros sagrados, como cerimônia de ação de Graças pela colheita, que comporta uma oferta de primícias” (COCCHINI, 1977, p. 136-137) cinquenta dias depois do primeiro dia da Pascoa (LOHSE, 1974, p. 1479).

O Antigo Testamento fornece poucas informações a respeito da Festa de *Shavuot* e sua relação com a história de Israel. A Festa é uma das três festas de peregrinação (*Pessach*, *Shavuot* e *Sucot*). Não são claras as informações a respeito da data e do

nome, mudando conforme as tradições Eloista, Javista, Deuteronomista e Sacerdotal. Portanto, fora do Pentateuco, são poucas as referências sobre *Shavuot* (LOHSE, 1974, p. 1478).

No ambiente do cristianismo primitivo, a Festa de *Shavuot* assume nova configuração ao ser relacionada com a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos cinquenta dias após a Ressurreição de Jesus Cristo. No Judaísmo Rabínico, a Festa possui importância secundária (DE VAUX, 1998, p. 475), estando apenas vinculada a Festa de Pessach (LOHSE, 1974, p. 148-1482) quase como conclusão desta.

1 O NOME DA FESTA

A expressão hebraica *Shavuot* significa “semanas” e estará sempre relacionada com o número sete, porque a Festa é celebrada “sete semanas” depois de *Pessach*: “...contareis sete semanas completas. Contareis cinquenta dias até o dia seguinte ao sétimo sábado” (Lv 23,15-16).

No Código da Aliança, Livro do Êxodo, de tradição Eloista, a Festa é denominada “Festa da Messe” (=Hag *Qâsir*): “Guardarás a festa da Messe, das primícias dos teus trabalhos de sementeira nos campos” (Ex 23,16), que é a festa da colheita do trigo, como será precisado posteriormente em Ex 34. Na Tradição Javista, a Festa recebe o seu nome peculiar, ou seja, *Shavuot* (=Hag *Shavuot*): “Guardarás a Festa das Semanas: as primícias da colheita do trigo” (Ex 34,22). Que pode se tratar de uma glosa posterior com a intenção de relacionar com o relato de Dt 16. Por outro lado, a tradição Sacerdotal vai designar a Festa pelo nome de “Festa das Primícias” (*Yom ha-bikkurim*: Lv 23,15-6; Nm 28,26). O livro do Deuterônomo conserva o nome Festa das Semanas (=Hag *Shavuot*). A novidade é que esta é celebrada em honra de Deus (cf. Dt 16,10) (DE VAUX, 1998, p. 474).

Nota-se que no Pentateuco a Festa de *Shavuot* conserva o caráter agrícola enquanto sofre o processo de historização, apesar de não ser tão claro este processo. Além do mais, os nomes da Festa estão em referência com a fonte escrita da qual provêm (COCCHINI, 1977, p. 298).

A Festa permanece hoje, para os judeus, com o nome da tradição Javista, ou seja, Festa de *Shavuot* ou Festa das Semanas.

Em senso agrícola, conclui a colheita dos “Ázimos” (cf. Ex 23,15; 34,18), iniciada com o plantio da cevada e do trigo; e, em senso histórico, conclui o significado da *Pessach* (=saída do Egito e Aliança do Sinai).

O nome propriamente dito “Pentecostes” aparecerá somente em ambiente cristão, conforme indica o livro dos Atos dos Apóstolos e 1Coríntios. Na primeira referência, os Apóstolos encontram-se reunidos no completar dos cinquenta dias (cf. At 2,1); na segunda, Paulo que deseja passar o “dia de Pentecostes” em Jerusalém (cf. At 20,16) e, na terceira, Paulo expressa o desejo de permanecer em Éfeso até “Pentecoste” por causa da missão nesta região (cf. 1Cor 16,8). Estas são as únicas referências ao nome “Pentecostes” em toda Bíblia.

2 DATAÇÃO DA FESTA

A historização da Festa foi um longo processo, devido ao seu caráter agrícola das primícias. O problema da datação de *Shavuot* tornou-se objeto de acirradas controvérsias, somente a partir da tradição rabínica é que a data será fixada formalmente (POTIN, 1971, p. 119). Enquanto o senso histórico permanece sempre atenuado.

O objeto de discussão, quanto à datação, era interpretar a simples expressão de Levítico que fala “...a partir do dia seguinte ao sábado...” (Lv 23,15), que gerava dúvida quanto à

sua compreensão. Um primeiro problema a ser considerado era o fato de que a festa era “das primícias”, ou seja, dos primeiros frutos do solo. Deve-se levar em consideração que o tempo da colheita varia de um ano para o outro e principalmente por causa do clima. Assim, a lógica é que seria necessário colher os primeiros frutos para celebrar, resultando na variação de dias para o início da festa (POTIN, 1971, 120). De fato, nos textos de Êxodo encontra-se a seguinte prescrição: “*Guardarás a festa da Messe, das primícias dos teus trabalhos de sementeira nos campos...*” (Ex 23,16; 34,22). Nota-se que não existe uma prescrição formal para a data, dependendo, assim, do ciclo normal da natureza.

O livro de Números explicita que a festa seja celebrada “*no dia das primícias... na vossa festa das Semanas...*” (Nm 28,26). Os relatos de Êxodo 23 e 34 não oferecem uma data precisa, apenas aproxima a festa do calendário festivo de Israel ao explicitar “*...na vossa festa das Semanas...*”.

O livro de Deuteronômio propõe uma base para a fixação de uma data precisa para *Shavuot*. De fato, no texto se lê: “*Contarás sete semanas. A partir do momento em que lançares a foice nas espigas, começarás a contar sete semanas. Celebrarás então a festa das Semanas*” (Dt 16,9-10). Contudo, precisar a data a partir deste relato ainda é inviável, pois a questão de quando tem início o plantio depende do ciclo da natureza (POTIN, 1971, p. 120) e o início da sementeira e das colheitas na planície difere daquela das colinas e a questão complica-se ainda mais quando se relaciona ao sacrifício de animais (WAGENAAR, 2005, 47-48). Além do mais, se deve contar a partir do mesmo dia ou a partir do dia seguinte, fixando quando o quinquagésimo dia? Assim, pela narrativa de Deuteronômio a data continua imprecisa.

O livro de Levíticos fixa a data da festa a partir da celebração de *Pessach* e esta corresponde ao início do ano agrícola, a partir da preparação do solo e plantio das sementes: “*A partir do dia seguinte ao sábado, desde o dia em que tiverdes trazido o feixe*

de apresentação, contareis sete semanas completas. Contareis cinquenta dias até o dia seguinte ao sétimo sábado...” (Lv 23,15-16). A contagem parte do findar do sábado (calendário lunar) ou propriamente no domingo (calendário solar)? E o quinquagésimo dia segue o mesmo esquema? Como entender “até o dia seguinte ao sétimo sábado”? Os relatos bíblicos deixam, assim, dúvidas quanto a fixação exata de uma data para a Festa de *Shavuot* estabelecendo conflito, ao interno de Israel, entre os diversos grupos como saduceus, essênios e fariseus e na diáspora o mesmo problema se apresenta, por causa do ciclo do ano agrícola.

3 TRADIÇÃO RABÍNICA

Os saduceus e os samaritanos concebiam o sábado como o sétimo dia da semana, começando a contagem das sete semanas a partir do domingo que seguia o sábado após a Festa da *Pessach*/Páscoa, fazendo com que a Festa de *Shavuot* caísse sempre de domingo.

Os essênios de Qumran interpretavam o sábado no senso do sétimo dia da semana após a semana dos ázimos, ou seja, 25 de Nisan, começando a contagem das sete semanas a partir do dia seguinte a este. A festa, também, caía sempre no domingo, como na contagem dos saduceus e samaritanos, porém, uma semana depois (POTIN, 1971, p. 121).

Os fariseus, enfim, interpretavam o sábado no senso do dia de festa, ou seja, o primeiro dia depois dos ázimos. Portanto, iniciavam a contagem das sete semanas a partir de 16 de Nisan, motivo pelo qual o quinquagésimo dia caía no dia 6 de Sivan, uma data precisa, porém não um dia fixo da semana (COCCHINI, 1977, p. 303-304; POTIN, 1971, p. 122).

No Tratado Moed Hag 2,4 da Mishná fornece a seguinte argumentação:

Se a festa das Semanas ocorria na vigília do sábado, a escola de *Shamai* dizia que o dia de sacrifícios de animais ficaria para depois do sábado. A escola de Hillel, ao contrário, afirmava que há lugar para o dia da matança dos animais depois do sábado. Porém, estavam de acordo de que se a festa caísse em dia de sábado, o dia do sacrifício de animais ficaria para depois do sábado. O sumo-sacerdote não veste seus trajes próprios e estão permitidos as exéquias e o jejum de modo que não se confirmem as palavras dos que afirmam que a festa das semanas segue o sábado.

A Festa de *Shavuot* permanece, a partir da tradição rabínica, com a data fixada no primeiro dia da semana, conforme deixa transparecer os textos da *Mishná* e do *Talmud*. Leva-se em conta que a datação rabínica contará com outras influências como a do livro de Jubileus. A tradição rabínica, ainda, fixa *Shavuot* entre as outras duas grandes festas de peregrinação de Israel, ou seja, *Pessach* e *Sucot*. Assim, elas servem de base para a data de Festa. A tradição cristã mantém a data de *Shavuot* em direta relação com a Páscoa, ou seja, cinquenta dias após a Ressurreição de Jesus Cristo, caindo também no primeiro dia da semana, ou seja, no domingo, tendo como base o calendário lunar.

4 LITURGIA DA FESTA DE SHAVUOT

A Festa de *Shavuot* possui um elo constitutivo com a Festa de *Pessach*, como descrevem os relatos do Pentateuco. Apesar de estar vinculado a *Pessach*, *Shavuot* mantém o seu caráter agrícola. Deus é agradecido pelos dons da terra. Seu caráter histórico não é claro e, ao longo da história, muitas vezes foi desconsiderada. Contudo, ela se configura como a segunda festa de peregrinação.

Em quase todos os relatos bíblicos que tratam de *Shavuot* se faz menção a oferta de farinha, de grãos, de pães e somente nos dois relatos de tradição sacerdotal (Lv 23,18 e Nm 28,27) se fala de

oferta de sete cordeiros e outros animais, que se trata de um ritual mais desenvolvido (DE VAUX, 1998, p. 474). No texto de 2Crônicas, apesar de não fazer menção direta à Festa de *Shavuot*, situa uma festa religiosa no terceiro mês durante o reinado de Asa, como renovação da Aliança (cf. 2Cr 15,10). O particular deste relato é que não se menciona oferta agrícola, apenas sacrifícios de animais. Além do mais, a obra cronista relaciona a festa com o tema da Aliança.

A cerimônia característica é a oferta de dois pães de farinha nova assado com fermento. Nota-se que somente aqui é permitido o uso de fermento em pães rituais (DE VAUX, 1998, p. 474). De fato, não era costume o uso de fermento em pães assados para fins rituais, como se pode observar em Dt 16,3: *“Não comerás pão fermentado... comerás... Ázimos - pão da miséria”*.

A festa conserva o seu caráter agrícola de festa de colheita das primícias, mesmo após ser historizada. O Livro de Rute, cujo relato acontece durante a colheita, é lido solenemente. Nos vilarejos do antigo Israel se reunia um cortejo de peregrinos que subiam para Jerusalém a fim de oferecer os dons da colheita a Deus. Quando se aproximavam da cidade os sacerdotes e levitas vinham ao encontro dos peregrinos, guiando-os até o Templo, onde entravam em procissão, portando seus dons e entoando cantos de alegria. Os levitas entoam hinos de louvor. Em seguida as primícias eram entregues nas mãos dos sacerdotes e se pronunciava a solene gratidão ao Deus de Israel, repetindo as palavras de Dt 26,3-10:

Declaro hoje ao Senhor meu Deus que entrei na terra que o Senhor, sob juramento, prometera aos nossos pais que nos daria! [após a entrega das primícias prossegue o peregrino] Meu pai era uma arameu errante: ele desceu ao Egito e ali residiu com os egípcios, porém, nos maltrataram e nos humilharam, impondo-nos uma dura escravidão. Gritamos então ao Senhor, Deus dos nossos pais, e o Senhor ouviu a nossa voz: viu nossa miséria, nosso sofrimento e nossa opressão. E o Senhor nos fez

sair do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com sinais e prodígios, e nos trouxe a este lugar, dando-nos esta terra, uma terra onde emana leite e mel. E agora, eis que trago as primícias dos frutos do solo que tu me deste, Senhor.

Após esta solene prece os dois pães das primícias (cf. Lv 23,17) eram ofertados como primícias da nova colheita, como gratidão pela proteção de Deus no passado e no futuro, e porque Deus provê o bem do seu povo (LOHSE, 1974, p. 1481).

5 FESTA AGRÍCOLA E CULTO DE FERTILIDADE EM CANAÃ

O contato do homem antigo com a natureza acontecia em relação com o divino. Assim, a força da natureza eram ações de divindades que manifestavam alegria, tristeza, ira, ou seja, um comportamento tipicamente humano. As divindades eram compreendidas a partir das forças em ação da natureza. Esta característica estava presente nas religiões do Antigo Oriente. Diante dessa realidade, o homem antigo estava diante de forças superiores que exigia subordinação. No processo animista uma divindade manifestava sua vontade através das forças da natureza, ou a própria natureza possuía vontades próprias ou elementos ocultos. Nisto se pode entender que o sol ou a lua ou um vulcão podia ser concebido como uma divindade, ou, por outro lado, uma determinada divindade utilizava dessas forças naturais para manifestar a sua vontade.

O Antigo Oriente com sua geografia árida tornava o cultivo do solo e a criação de animais algo extremamente complicado. A fertilidade ou não do solo ou dos animais eram vistos como uma bênção ou uma maldição divina.

O culto da fertilidade e os sacrifícios eram uma forma de aplacar a divindade e pedir a bênção, suplicar pelo fim da estiagem, para agradecer pela colheita. Na terra de Canaã, não era diferente, o

povo tinha uma relação com uma grande diversidade de deuses e deusas. Entre eles destaca-se Baal e conforme a região o seu nome podia diferenciar-se (*Baal* do Carmelo; *Ba'alsamen*, *Ba'al Berit*; *Ba'al Gad*, *Had*, *Harmon*, *Meon*, *Peor*, *Perazin*, *Thamar*, *Zebub*), mas trava-se sempre da mesma divindade (DE MOOR, 1988, p. 1455).

Segundo do Antigo Testamento, Baal é primariamente um deus da fertilidade, como se pode observar em 1Rs 18 no qual o Profeta Elias demonstrará que quem provê o bem de Israel não é *Baal*, mas o Senhor Deus. De fato, não é *Baal* que manda a chuva, mas aquele que fez Aliança com Israel (cf. Os 2). *Baal* é apresentado dominando os céus com suas tropas, com o sol, com a lua e com as figuras zodiacais (2Rs 17,16; 21,3; 23,4s). (DE MOOR, 1988, p. 1449). O culto cananeu apresentava-se superior em relação ao culto nômade dos imigrados hebreus, cuja influência sobre estes será um problema. Uma questão crucial aqui é, justamente, evidenciar que o Deus de Israel era um Deus nômade, o credo, de fato, professava um Deus libertador. Os hebreus, tomando posse da terra de Canaã, assume uma condição sedentária. Deste modo, deixa a vida nômade para se dedicar ao cultivo do solo e a criação de animais de modo estável. Contudo, na fé de Israel não se prevê Deus cuidando daquilo que se refere à vida sedentária. Como consequência lógica é que a população vá buscar proteção, numa terra árida, numa divindade que garanta a fertilidade. Esse é o motivo da força do baalismo em Israel.

Através dos relatos bíblicos, conclui-se que o significado teológico do deus cananeu da tempestade e da fertilidade, do seu culto e da sua mitologia influenciou largamente o judaísmo antigo. Por outro lado, coube à tradição bíblica posterior legitimar que o verdadeiro provedor do povo de Israel é somente aquele que criou o universo, como se pode verificar na teologia de Oséias e, principalmente, do Livro de Jó.

O culto de *Baal* era regulado pelos ciclos da natureza, de grande importância para a população rural de Canaã. Os respectivos

ritos de fecundidade pareciam obscenos aos olhos do povo hebreu. Por isso, tais usos e costumes da religião baalita foi ferozmente condenado pelos profetas de Israel e a participação era rigorosamente proibida.

Canaã celebrava quatro grandes festas em honra de *Baal*. A mais importante era a festa de Ano Novo, celebrada entre os meses de setembro-outubro. As demais festas são vagamente descritas pelos textos sagrados. Estas são: a festa da consagração do templo no período do equinócio de primavera; a festa do luto pela morte de Baal um mês mais tarde, possivelmente com um rito de primeiro feixe acompanhado de um sacrifício e de uma procissão de *Anat-Astart*; e, a festa da morte de *Môt*, em junho, provavelmente com um rito de último feixe (DE MOOR, 1988, p. 1455).

6 DA FESTA AGRÍCOLA DE CANAÃ À FESTA DE *SHAVUOT*

Quando os hebreus entraram na Terra Prometida, eles entraram em relação com os povos que nela habitavam. De fato, o Livro de Êxodo fala da Terra Prometida como a “*terra dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus...*” (Ex 3,17). Além do mais, deve-se levar em conta que desde a entrada na terra até a sua completa conquista se passaram quase duzentos anos, ou seja, somente durante o reinado de Davi é que a Terra Prometida será completamente conquistada e o Êxodo terá a sua conclusão. Diante disso, deve-se evidenciar que se existia conflito entre estes povos e os hebreus, também existia intercâmbio cultural e social. Os hebreus provenientes de uma cultura nômade, sob a proteção de Deus, com configurações nômades, estarão diante de uma cultura sedentária que se relacionava com divindades sedentárias, como visto acima.

Pode-se sentir, entretanto, que na festa de *Shavuot* eram oferecidos dois pães assados a partir dos primeiros grãos, que é uma festa absorvida de Canaã. Tem-se um processo de inculturação, onde as tradições de Canaã são absorvidas por Israel e relidas a partir da sua história e da sua relação com o Deus do Povo Eleito.

Os hebreus, mesmo professando a fé no Deus Único de Israel, sofriam influência direta das religiões cananeias, principalmente o baalismo com seu culto de fertilidade e prostituição sagrada. Objeto de contestação profética.

Entre os profetas que condenam as práticas baalista, destaca-se Oséias. Deve-se, antes de tudo, indagar até que ponto o culto à Baal estava vinculado às práticas da prostituição sagrada. Pode-se sentir nos relatos do Antigo Testamento que existia alguma coisa de culto de fertilidade e prostituição sagrada. Israel sabia, porém, se jamais aceitou, não se posicionava claramente, restando tal tarefa aos profetas de Israel.

Em todo caso, é impossível perceber um culto de fertilidade praticado pelos Israelitas, porque o Deus de Israel sempre apareceu sozinho, sem relação com alguma divindade feminina, mesmo quando se tenta alguma relação com alguma deusa (cf. Os 3,1). No Deus de Israel não existe uma identificação masculina e feminina, ou seja, Deus é Deus, melhor ainda, Deus é Um. Além do mais, toda a criação é obra de Deus doada aos homens. Deus para os hebreus é o libertador da escravidão e é o Deus que caminha com o seu povo, cuida e provê o seu povo. Por outro lado, poderia parecer estranho aos povos da terra de Canaã, a fé num Deus Único, sozinho, sem relação com uma divindade feminina. Além do mais, deve-se levar em conta que a fé no Deus de Israel não era absoluta entre os hebreus. A ideia de um Deus único e universal será um processo longo na história de Israel.

7 ALIANÇA DO SINAI

O processo de historização de *Shavuot* está relacionado com o evento do Sinai. De fato, a festa passa a fazer memória da Aliança realizada entre Deus e o Povo de Israel sobre o Monte Sinai, por meio de Moisés:

No terceiro mês depois da saída do país do Egito, naquele dia, os israelitas chegaram ao deserto do Sinai. Partindo de Rafidim e chegaram ao deserto do Sinai, e acamparam no deserto. Israel acampou lá, diante da montanha. Então Moisés subiu a Deus. E da montanha o Senhor o chamou, e lhe disse: ‘Assim dirás à casa de Jacó e declararás aos israelitas: Vós mesmos visteis o que eu fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha Aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa. Estas são as palavras que dirás aos israelitas’. Veio Moisés, chamou os anciãos do povo e expôs diante deles todas essas palavras que o Senhor lhe havia ordenado. Então todo o povo respondeu: ‘Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos’. E Moisés relatou a Deus as palavras do povo (Ex 19,1-8).

O texto fornece diversas informações de importância para a tradição bíblica. Entre elas destaca-se a frase “*Naquele Dia*” que assume uma conotação teológica e faz referência direta à Aliança do Sinai. Mesmo no Novo Testamento quando aparece esta expressão, o autor, geralmente, deseja estabelecer vínculo com Ex 19.

No relato de Ex 19, os israelitas, liderados por Moisés, chegam ao deserto do Sinai, diante da Montanha. Moisés sobe e Deus propõe uma Aliança. A proposta é levada aos israelitas que acolhem a proposta. Na Aliança Deus promete tornar Israel povo de sua particular propriedade, o que vincula à dimensão de povo sacerdotal e de nação santa. Por outro lado, a função de

povo sacerdotal e de nação santa implica, não somente no serviço exclusivo a Deus, mas a humanidade. Neste sentido, Israel se torna mediador entre Deus e a humanidade: “porque toda a terra é minha” (Ex 19,5). A predileção de Israel não significa exclusividade, pois os demais povos continuam a gozar da proteção divina.

O estabelecimento da Aliança entre as duas partes, Deus e Israel, é legitimada pela Lei, que doravante será unificada nos demais mandamentos do Pentateuco, com a designação de Torá. Um passa quase a significar o outro. Neste sentido, *Shavuot* celebrando a Aliança e a Lei, celebra em sua memória a outorga da Torá como dom divino. Contudo, esta memória da Aliança não permanecerá com *Shavuot* e sim com *Sucot*.

Partindo desses pressupostos se depara com um problema histórico sobre o senso próprio de *Shavuot*. Por volta de 270 d.C. o Rabino Eleazar exclama: “*O Pentecostes é o dia no qual a Torá foi dada*” (*Pesahim* 68b). Leva-se em conta que esta é a única vez que o *Talmud* ao tratar de *Shavuot* fala de *Torá*. De fato, em *Hall* 4 *Shavuot* é ainda lembrada como festa dos primeiros frutos. Nota-se que na *Mishná* e no *Talmud* enquanto se encontra inteiros tratados sobre *Pessach* e *Sucot* e outras festas menores, não se encontra nenhum tratado sobre *Shavuot*, que é considerada uma das festas maiores, ao lado de *Pessach* e *Shavuot*. O mesmo fenômeno encontra-se na *Tosefta* escrita por volta do terceiro século (COCCHINI, 1977, p. 306) e no Quarto Evangelho que trata de *Pessach*, de *Sucot* e até de *Chanucá*, mas não faz absolutamente nenhuma referência a *Shavuot* (Pentecostes). Nota-se que neste Evangelho, o dom do Espírito Santo é dado aos Apóstolos pelo próprio Jesus Cristo no dia da Ressurreição (primeiro dia da semana). Não por menos na Liturgia da Festa de Pentecostes cristã se faz a leitura do dia da Ressurreição de João (primeira aparição aos Apóstolos) e do dia de Pentecostes em At 2. Esse fato surpreende quando se leva em conta que, além de ser uma das três festas maiores, ela está presente em todos os calendários do Antigo Testamento. Filão de Alexandria desconhece em *Shavuot* a memória da Torá. Na

sua obra *De Specialibus Legibus* II,30,179 designa *Shavuot* como Festa das Primícias (COCCHINI, 1977, p. 307), reconhecendo nela o seu caráter originariamente agrícola. Flávio Josefo adota a mesma perspectiva (COCCHINI, 1977, p. 307). Chocchini (1977, p. 307), baseando-se em Lohse, comenta que o fenômeno tenha ocorrido após a queda do segundo Templo. Contudo, tal explicação é insustentável, pois é anterior à queda do segundo Templo, como se pode observar, por exemplo, em Filão de Alexandria. Além do mais, no II séc. a.C., a Família dos Macabeus celebra a festa a partir da sua perspectiva agrícola (cf. 2Mc 12,31-32) e a Festa desaparece do calendário de Ezequiel (cf. Ez 45) (CHOCCHINI, 1977, p. 307). Uma possível resposta para o caso seja a relação entre *Shavuot* e as primícias, que, em origem, possuía forte vínculo com a religião de Baal. Possivelmente, hipótese minha, o conceito de fidelidade à Lei e universalismo divino tenha entrado em choque com *Shavuot*, que popularmente, podia trazer consigo traços da religião de baalíta, o que era inaceitável para o judaísmo pós-exílico, que percebia que o exílio era um castigo divino por infidelidade à Lei. De fato, para o judaísmo pós-exílico a permanência na Terra Prometida estava diretamente vinculada ao conceito de fidelidade à *Torá*. Além do mais, a memória da *Torá* não estava diretamente vinculada à *Shavuot*, mas a *Sucot* conforme prescreve Dt 31:

Moisés escreveu então esta Lei e deu-a aos sacerdotes, os filhos de Levi... como também a todos os ancião de Israel. E Moisés ordenou-lhes: No fim de cada sete anos,..., durante a Festa das Tendias, quando todo Israel vier apresentar-se diante do Senhor teu Deus no lugar que ele tiver escolhido, tu proclamarás esta Lei aos ouvidos de todo Israel. Reúne o povo, os homens e as mulheres, as crianças e o estrangeiro que está em tuas cidades, para que ouçam e aprendam a temer o Senhor vosso Deus, e cuidem de pôr em prática todas as palavras desta Lei (Dt 31,9-12).

A memória da *Torá*, enquanto lugar celebrativo, em Deuteronômio está vinculada a *Sucot* e não a *Shavuot*, este

talvez seja o motivo principal, pelo qual *Shavuot* tenha permanecido mais como memória agrícola do que como memória histórica do Êxodo (=Aliança do Sinai). De fato, até os nossos tempos o último dia da Festa de Sucot, o mais solene, celebra-se o Rito de *Simchat Torá*, de tradição rabínica, baseada em Dt 31 e Ne 8.

Em todo caso, parece que o processo de historização de Shavuot não tenha alcançado o seu objetivo pleno, ou seja, o de ser memória do dom da *Torá*. *Sucot*, *Shavuot* não perde o sentido de memória do Sinai, mas sua liturgia manifesta sempre a origem agrícola de gratidão pelos primeiros frutos.

O Livro dos Jubileus relaciona o tema da agricultura e da Aliança do Sinai. Em Jub 6,17 recomenda-se celebrar a Festa das Semanas por causa das Primícias e da Aliança. Mais adiante, o autor especifica que se trata da Festa das Semanas e da Festa dos Primeiros Frutos, uma festa com dupla natureza (cf. Jub 6,21). Contudo, quando o autor trata do tema da Aliança ele não a relaciona com a Aliança do Sinai, mas sim com a Aliança que Deus estabeleceu com Noé após o dilúvio (cf. Jub 6,16).

Shavuot, sem perder o senso agrícola das primícias da terra, passa a celebrar Israel como “primícias” dentre os povos, ou seja, ela se torna um dom para Deus (povo sacerdotal/nação santa/especial predileção) e o Senhor abençoa o seu povo com a terra, a chuva, os frutos e, especialmente, a *Torá*.

8 DE SHAVUOT A PENTECOSTES

O cristianismo assume a Festa de *Shavuot* como memória da descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, conforme é apresentado pela tradição lucana do livro dos Atos dos Apóstolos e ampliado o seu significado pela literatura Paulina. Contudo, deve se levar em conta que o Novo Testamento narra três Pentecostes, dois na Literatura Joanina e um na Literatura

Lucana. Os três relatos apresentam três imagens vinculadas à pessoa do Espírito Santo, ou seja, a água, o vento (sopro) e o fogo.

O primeiro Pentecostes, considerando como envio do Espírito Santo, encontra-se no relato joanino da Paixão e Morte do Senhor. No relato Joanino, após a morte de Jesus na cruz, o soldado traspassa o lado direito de onde jorra sangue e água (cf. Jo 19,31-37). Diante da perspectiva da preparação do sábado, tendo em vista tratar-se do “Grande Sábado” pedem a Pilatos que retirem os corpos dos crucifixados. Para adiantar a morte dos crucifixados vem recomendado quebrar as pernas dos mesmos. Contudo, tal ato não se faz necessário no caso de Jesus por já o encontrarem morto. O soldado apenas traspassa o seu lado direito, de onde imediatamente jorra sangue e água. Diante de tal fato, o Evangelista anuncia o testemunho de quem viu. O segundo Pentecostes encontra-se no relato joanino da Ressurreição de Jesus: “No dia de Páscoa, estando os discípulos reunidos, Jesus põe-se no meio deles e, após a saudação, sopra sobre os mesmos infundindo o Espírito Santo e concedendo-lhes o dom do perdão” (cf. Jo 20,19-23). O terceiro Pentecostes é a Festa por excelência vinculada à solenidade judaica de *Shavuot*, ocorrida cinquenta dias após a Ressurreição de Jesus, conforme vem narrado em At 2, no qual, novamente os Apóstolos encontram-se reunidos e desce sobre eles, em forma de pomba, o Espírito Santo, movendo-os para a Evangelização a todos os povos.

9 O RELATO DE ATOS 2

Jesus, no Evangelho de João, já havia acenado para o fato de que a efusão do Espírito Santo estaria vinculada à sua Ascensão aos céus (cf. Jo 16). Essa é uma particularidade marcante do Pentecostes cristão, ou seja, a relação Ascensão de Jesus e Pentecostes. Na solenidade cristã, Pentecostes praticamente

conclui o período pascal. Tem-se assim, a vinculação Páscoa-Pentecostes e entre estes dois polos a Ascensão do Senhor.

Na obra lucana, o Evangelho conclui-se com o relato da Ascensão do Senhor aos céus com algumas recomendações e, entre elas, a de aguardarem a força “do alto” a ser enviada por ele cumprindo a promessa do Pai (cf. Lc 24,44-53). O livro dos Atos dos Apóstolos tem início justamente com o tema da Ascensão com esta conclusão do terceiro Evangelho (cf. At 1,6-11). Particularmente em Atos no diálogo entre Jesus e os Apóstolos estes o questionam a respeito da restauração de Israel (cf. At 1,6-7), no qual Jesus afirma que o tempo pertence ao Pai e prossegue anunciando que os Apóstolos receberão “uma força”, que corresponde ao Espírito Santo que descerá sobre eles, tornando-os testemunhas em Jerusalém e por toda a terra (cf. At 1,8).

O livro dos Atos dos Apóstolos dedica um amplo espaço para o tema da Festa de Pentecostes, no qual apresenta o que antecede à vinda do Espírito Santo, o evento propriamente dito, e a consequência disto. Keener (2009, p. 48) apresenta o seguinte esquema: 1. Promessa do Pentecostes (1,4-8); 2. Preparação para o Pentecostes (1,12-26); 3. As provas do Pentecostes (2,1-4); 4. As pessoas do Pentecostes (2,5-13); 5. A profecia do Pentecostes (2,17-21); 6. A pregação sobre o Pentecostes (2,22-40); e, 7. A proposta do Pentecostes (2,41-47). Assim, com a Ascensão de Jesus, a primeira iniciativa dos Apóstolos é a de recompor o grupo dos doze com a escolha de Matias para o lugar de Judas Iscariotes. Após a reestruturação do grupo dos Doze, Lucas descreve o evento do Pentecostes (cf. At 2,1-13), seguida pela explicação de Pedro à multidão sobre o que ocorreu e o fenômeno das línguas, a partir das tradições de Israel (cf. At 2,14-36), seguida pela conversão de muitos (cf. At 2,37-41) e a consequência para a comunidade cristã (cf. At 2,42-47).

Na narrativa lucana de At 1-2 o Pentecostes confere aos Apóstolos o Espírito Santo e, investidos da “força do alto” estes também recebem o “dom de línguas” capacitando-os para a

pregação da Boa Nova aos povos de diversas línguas. Deve-se sublinhar, então, que ocorrem dois fatos: a efusão do Espírito Santo e a concessão do dom de Línguas, ou seja, os Apóstolos tendo recebido o Espírito Santo como dom, recebem do próprio Espírito o dom de línguas. Apesar de Lucas se basear na profecia de Joel sobre a promessa do Espírito Santo para os tempos futuros, permitindo àqueles que receberiam o dom de profetizar, o relato enfatiza o tema do testemunho, baseando-se na profecia de Isaías (cf. Is 43,3.10; 44,8; 32,10; 59,21).

CONCLUSÃO

A terra e o trabalho são coisas essenciais à vida humana, tornando impossível pensar o homem sem estas realidades. O livro do Gênesis diz que tudo isto foi criado por Deus e que tudo está sob o domínio e o cuidado da pessoa humana. Neste sentido, é a capacidade do “*Homo Faber*” produzir meios de sobrevivência. Mesmo tendo a capacidade de criar, existe também o extasiar-se diante da grandiosidade e da beleza do universo. A primeira resposta humana a esta maravilha é sentir algo de extraordinário, de divino, algo sobrenatural que dê sentido a tudo isto: o céu, a terra, os fenômenos naturais, as estrelas, o sol, ou seja, tudo que compõe o universo. O povo de Israel via todo o universo como algo surgido da bondade de Deus: “*Deus disse... assim se fez... e Deus viu que tudo era muito bom...*” (Gn 1-2). O Povo de Israel logo aprendeu que tudo tinha sido feito por Deus e colocado em suas mãos; e que toda criação tinha sido dada por Deus para o cuidado do homem. Assim no pensamento bíblico não é a natureza que domina o homem, mas é o homem que domina a natureza.

O Povo de Israel, tendo a consciência que tudo é criação do único Deus e que tudo está sob o seu domínio, também teve a consciência que tudo era um “dom” divino. A terra, a chuva, o fruto da terra são uma bênção de Deus, principalmente para com o seu Povo Eleito. Por outro lado, a estiagem também era vista

como castigo divino: “*Eu também vos privei da chuva...*” (cf. Am 4,7-8).

A Festa de *Shavuot* era para o Povo de Israel o momento de dizer à Deus que tudo é obra sua e que o Povo da Aliança se sente agradecido por ter sido lembrado, ter sido tratado com carinho, ter dado a terra e a chuva:

Visitas a terra e a regas, cumulando-a de riquezas. O ribeiro de Deus é cheio d'água, tu preparas seu trigal. Preparas a terra assim: regando-lhe os sulcos, aplanando seus terrões, amolecendo-a com chuviscos, abençoando-lhe os brotos. Coroas o ano com benefícios, e tuas trilhas gotejam fartura; as pastagens do deserto gotejam, e as colinas cingem-se de júbilo; os campos cobrem-se de rebanhos, e os vales se vestem de espigas, tudo canta de alegria! (Sl 65[64],10-14).

O Sl 65 fornece uma imagem precisa da relação de Deus com seu povo, abençoando seus trabalhos, benção que é a própria ação divina, ou seja, Deus que trabalha com o homem, participando do suor e do trabalho humano. Se para os cananeus e demais povos vizinhos era necessário um culto de fertilidade, numa relação de subordinação às forças de uma divindade, agindo através das forças da natureza, para o Povo de Israel, Deus participa ativamente do trabalho humano e, além disso, tudo era d'Ele e tudo tinha dado ao seu Povo Eleito e os cobria de bênçãos. Deste modo, oferecer os dons da terra e do trabalho humano era agradecer ao criador da terra que abençoa cada ano a sua criatura com os frutos da terra.

A Festa de *Shavuot* como gratidão a Deus pelos frutos da terra tornou-se chave de leitura mais importante para entender o que é a Torá para Israel, ou seja, um dom divino:

Porque, perguntam os mestres, na Escritura, Israel é comparada a uma pomba? O Sábio responde: Quando Deus criou a pomba, este retornou ao Criador lamentando-se: Oh! Senhor do Universo, tem um gato que me persegue e procura devorar-me e eu devo correr o dia inteiro com as minhas pernas tão curtas.

Então Deus teve misericórdia da pobre pombinha e lhe deu duas asas. Pouco depois a pombinha retornou outra vez ao Criador e lamentou-se: Oh! Senhor do Universo, o gato continua a perseguir-me e é muito difícil correr com duas asas nas costas. Elas são pesadas e eu não aguento mais com minhas pernas tão pequenas e fracas. Mas Deus lhe sorriu dizendo: Não lhe dei asas apenas para carregá-las nas costas, mas para que elas te portem. Assim acontece com Israel, quando se lamenta da Torá e dos seus mandamentos, Deus responde: Não lhe dei a Torá para que seja um peso nas tuas costas, mas para que ela te porte. (SEGRE, 1966, p. 74).

A Torá não cerceia a autonomia do homem, mas lhe possibilita a plena liberdade. A Torá é, de fato, para o Povo da Aliança o fruto bom dado por Deus aos seus filhos, a garantia de vida, a presença de Deus no meio do seu povo. A Torá é o melhor fruto dado por Deus a todos os homens, em especial para o Povo de Israel que recebeu das mãos do próprio Deus o fruto bom e doce da liberdade.

Para os cristãos, o dia de *Shavuot* coincide com a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos:

Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousavam sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem. (At 2,1-4)

O relato da descida do Espírito Santo se relaciona diretamente com a revelação do Sinai (o vento, o fogo e as línguas). No evento do Pentecostes cristão, novamente Deus manifesta o seu amor, agora se abrindo a todos os povos. O bom fruto que é dado é o seu próprio Espírito, que vem estabelecer a Lei do Amor no coração da humanidade. Enquanto que a Aliança e a Torá conduziam o Povo Hebreu para a Terra Prometida, tendo em vista que a Aliança, a Torá e a Terra são dons preciosos. No

Pentecostes cristão, os que foram chamados por Jesus Cristo, deixam a Terra Prometida e tornam-se peregrinos da humanidade, portanto os dons de Deus a cada pessoa humana.

Gilvan Leite de Araujo
Av. Nazaré 993 - Ipiranga
04263-100 - São Paulo - SP
glaraujo@puccsp.br

BIBLIOGRAFIA

COCCHINI, R. L'Evolutione Storico-Religiosa della Festa di Pentecoste. In: **Rivista Biblica Italiana** 25 (1977), p. 297-326.

DE MOOR J.C. Ba'al. In: **Grande Lessico dell'Antico Testamento**. v. I. Brescia: Paideia, 1988. p. 1435-1475.

DE VAUX R. **Le Istituzioni dell'Antico Testamento**. Genova: Marietti, 1998.

KEENER, C.S. Power of Pentecost: Luke's Missiology in Acts 1-2. In: **Asian Journal of Pentecostal Studies** 12 (2009), p. 47-73.

LOHSE G. penthkosth. In: **Grande Lessico del Nuovo Testamento**. v. IX. Brescia: Paideia, 1974. p. 1471-1496.

MISNÁ, Tratado Jaguigá 2,4. In: Del Valle C., (ed.), **La Misná**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003.

POTIN J. **La Fête Juive de la Pentecôte, Étude des Textes Liturgiques**. Tome I. Paris: Éditions du Cerf, 1971.

SEGRE A. **Shavuot**. Unione delle Comunità Israelitiche Italiane. Roma, 1966.

WAGENAAR, J.A. **Origin and Transformation of the Ancient Israelite Festival Calendar**. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2005.